

# Um autor para seduzir. Para aprender a arte do amor e da leitura, com Don Juan de Botafogo

■ KLEITON DE SOUSA MORAES<sup>1</sup>

“(…) pois seja qual for a língua que falem os meus livros, eu falo-lhes na minha”

*Michel de Montaigne*

Em 06 de fevereiro de 1923, o *Jornal do Commercio* publicava nota de um juiz de direito da comarca de Rio Bonito, no Rio de Janeiro, que convocava os membros da família de Manoel Boaventura Lacerda para a repartição de bens – já que o falecido não deixou testamento ou herdeiros conhecidos. Tal formalidade não parecia ser muito comum, ainda mais num jornal prestigioso da capital carioca, o que nos faz imaginar ser o morto alguém de alguma posse e, sobretudo, um homem que – não possuindo herdeiros publicamente conhecidos – morava sem familiares em sua casa. Dentre os curiosos bens que o morto deixara, constava uma peneira de arame “nova”, um relógio de metal com cronômetro, uma lata com chocolate, três ceroulas de algodão, um motor de dentista (teria sido Manoel um dentista?) e um único livro. O livro talvez nos desse pistas daquele homem solitário, que, pelo conteúdo da publicação, era interessado na arte do flerte, isso porque o livro que deixava para um possível herdeiro era o *Manual do Namorado*, escrito por certo Don Juan de Botafogo e publicado pela Livraria Quaresma (*Jornal do Commercio*, 1923, p. 7). Ter uma publicação como essa não era algo incomum nas residências da elite letrada brasileira da primeira metade do século XX. Dezenas de manuais pululavam nas prateleiras das livrarias ensinando o leitor como ser um *chauffeur*, como ser um padeiro, como ler o rosto das pessoas e de como ser um bom namorado. A Livraria Quaresma era, de longe, o selo editorial que mais ajudou a difundir esse tipo de literatura, digamos, não canônica. Livros com teor prescritivo eram também uma resposta editorial para o desejo de alguns grupos da elite letrada de modernizar-se e, como se dizia à época, “civilizar-se”.

1. Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Aprender como se comportar socialmente ou a maneira moderna de agir diante de um evento, de praticar certo ofício ou de conversar determinados assuntos era uma demanda emergente para parte da elite letrada, sobretudo a do Rio de Janeiro, em sua sede de civilizar-se. Os livros respondiam em parte por esse desejo de conhecer ou de ser reconhecido – afinal, a posse de um livro era parte de um ritual de distinção necessária na nova sociedade que se pretendia moderna. Sobre isso, o escritor Lima Barreto nos conta, acerca de seu personagem Policarpo Quaresma, que ele possuía muitos livros em casa e que, por isso mesmo, acabou ganhando a desafeição de certo doutor Segadas, um clínico afamado no bairro de São Januário, que não admitia essa extravagância, dizendo: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!” (Barreto, 1999, p. 11). Nesse pequeno caso, Lima Barreto mostra o quanto possuir um livro podia ser considerado um simples “pedantismo”, sendo a posse do objeto um fator que poderia credenciar aquele que o tem a ser chamado de pedante — ou seja, alguém que se pretende algo mais do que é. Lima Barreto atenta para o fato de que ter a posse de um livro poderia, naqueles idos, ter diversos significados, inclusive com vistas a uma representação hierárquica do indivíduo que o possui, podendo ser identificado como um pedante. E livros eram o que não faltava nas ruas do Rio de Janeiro de então.

Um passeio pelas livrarias do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX bem poderia provocar espanto para um transeunte desavisado. Nelas podia-se encontrar desde aquela considerada a mais “alta literatura”, representada naqueles tempos por homens como Machado de Assis e Coelho Neto, até um tipo de literatura entendida como “popular”, escrita para o passatempo do leitor ou marcadamente produzida para ser útil nas práticas cotidianas, como manuais, receitas, cancionários e os livros considerados, na época, “escandalosos” ou “pornográficos”. Naqueles espaços, era comum, segundo o memorialista Luis Edmundo, encontrar um reconhecidamente ilustrado como Rui Barbosa a disputar espaços ao lado de

(...) toda uma freguesia perguntona, espalhafatosa, vozeiruda que arranca notas de dois e cinco mil-réis de lenços de chita, muito sujos, armados de carteiras, para comprar as brochurinhas, postas em capas de espavento, não raro aos empurrões, aos gritos. (Edmundo, s/d, p. 282)

Mas não eram somente nas livrarias que se podia encontrar essa elite letrada ávida por um livro. Nas ruas cariocas, o comércio livreiro fazia-se presente com os “caixeiros”, gente que, ao comprar as brochuras nas livrarias, saía-as

vendendo pela cidade. Esses vendedores se beneficiavam de uma progressiva constatação, arraigada nos grandes centros urbanos do país na época, de que possuir um livro, ou saber ler, era sinal de distinção. Ora, uma vez que no Brasil eram poucos os que sabiam ler e escrever, aqueles que detinham essa técnica fatalmente se distinguiam dos demais, de forma que, muitas vezes, o caráter de reconhecimento social se dava pelo fato de um indivíduo ser iniciado ou não nas letras. Isso criou condições para que a elite cidadina brasileira se reconhecesse cada vez mais pelo letramento.

Nascendo na última década do século XIX como uma pequena livraria, a editora Quaresma, de Pedro da Silva Quaresma, era uma das muitas livrarias que lucravam com essas mudanças e logo ficou conhecida por publicar livros considerados “populares” e a “preços módicos” (El Far, 2004).

Localizada na Rua São José, no Rio de Janeiro, a Livraria Quaresma era frequentada por grupos heterogêneos de leitores. Dentre os autores publicados, muitos eram conhecidos nas ruas cariocas, como o modinheiro Catullo da Paixão Cearense, que pela Quaresma publicava as modinhas que se ouviam nas ruas cariocas, ou o jornalista Anibal Mascarenhas, com seus manuais de história e discursos para ocasiões importantes. Investindo na publicação de temáticas variadas, o editor Quaresma buscava seduzir o leitor médio e interessado na leitura não só de romances, mas de livros de anedotas, de livros místicos, de cancionários populares e de uma variedade enorme de temáticas. Essas publicações tinham tanto sucesso que faziam a alegria do editor Quaresma. O jornalista e crítico musical Lúcio Rangel, escrevendo em 1954, dizia que os livros com compilações de músicas que circulavam nas ruas do Rio de Janeiro de inícios do século “alcançavam tiragens fabulosas (...). O velho Quaresma enriquecia com eles”. Mas, continua Rangel, Quaresma também se regozijava com as vendagens do “(...) Manual do Namorado, seguido das 100 cartas de namoro, por Don Juan de Botafogo” (Revista *Manchete*, 1954, p. 27).

O Manual do Namorado teve sua primeira edição em 1896 e contou com uma grande publicidade nos jornais cariocas. Manuais não eram uma novidade no selo Quaresma. Já há algum tempo a editora vinha publicando uma série de livros prescritivos como *O Secretário poético* – que era publicizado como sendo uma “coleção de poesias de bom gosto, próprias para serem enviadas por escrito ou recitadas em dias de aniversários natalícios, batizados, (...) pedidos de casamento” (Botafogo, 1926) -, *O Physionomista* – que ensinava a “arte de conhecer o caráter, o gênio, as inclinações, as qualidades e os sentimentos

morais das mulheres” (Botafogo, 1926) – e o *Manual do Prático do destilador* – “contendo milhares de receitas para o fabrico de todas as bebidas” (Jornal *Gazeta de Notícias*, 1898, p. 5). Assim, Quaresma publicava títulos que incluíam tanto literatura escrita por novos escritores, quanto manuais e cancionários. Com um projeto editorial arrojado para a época, suas publicações atraíam uma clientela diferente de outras livrarias mais distintas do Rio de Janeiro de então, como a Garnier e a Laemmert, não só pelo preço acessível para as camadas médias, como também pelas ilustrações de grandes artistas – como a dos desenhistas Julião Machado e Libindo Ferraz – e, sobretudo, pelas temáticas mais voltadas ao gosto do leitor médio. Por isso, a Livraria Quaresma era também chamada de a “Livraria popular” – epíteto, aliás, que o editor e livreiro fazia questão de figurar em suas publicidades nos jornais cariocas de então. Era comum que nas suas publicações alguns conhecidos intelectuais da época, acostumados a publicar por outras grandes livrarias, lançassem mão do uso de pseudônimo. Foi o caso de Figueiredo Pimentel, o nome verdadeiro do Don Juan de Botafogo.

A escolha pela escrita de um livro sob pseudônimo deve ser entendida não apenas como uma escolha do autor por algum anonimato, mas como uma estratégia que respondia a várias demandas, aí inclusas a do editor, a do próprio autor e, em ainda mais larga medida, a dos leitores. O anonimato de determinada publicação, bem como sua publicação sob pseudônimo, era parte de um protocolo editorial cujo fim último era o leitor. Na esteira dessa preocupação, a edição de um livro era algo que, para ter êxito, passaria pela forma como se apresentava no mercado editorial, de forma que o formato “livro” era minunciosamente pensado para atender as demandas de um novo grupo de leitores. A Livraria Quaresma se tornou especialista nesse tipo de produto. Se, como dito, o editor Quaresma investia em publicações com temáticas consideradas populares para a obtenção de sucesso comercial, a autoria dessas publicações recorreu muitas vezes a pseudônimos sugestivos do conteúdo das obras. O caso de Don Juan de Botafogo é emblemático.

Figueiredo Pimentel já era famoso por seus livros que provocavam tremores nos moralistas de plantão e provocavam a alegria de leitores ávidos por romances que fugiam de temas comportados. Era de sua lavra romances como *O aborto*, *Um canalha* e *Suicida*, sucessos editoriais no final do século XIX. Esses livros o trouxeram à fama mais pelas polêmicas que causavam do que pelos elogios de uma escrita direta e, por vezes, violenta. Lançando mão de uma linguagem incomum para romances, seus livros eram muitas vezes indicados apenas para homens ou,

como dizia – ou melhor, não dizia! – o reclame de um jornal carioca que, apesar de elogiar a escrita do autor de *O terror dos maridos*, salientava não poder dizer o nome do livro pois “é livro que não pode ser anunciado ao público, e porque público compõe-se de pessoas a quem não podemos aconselhar, ou sequer indicar tal leitura” (Jornal *Gazeta de Notícias*, 1897, p. 5). O mesmo jornal anunciava a chegada do livro inominável com letras garrafais em que se lia: “Escândalos de Botafogo!!!” (Jornal *Gazeta de Notícias*, 1897, p. 3).

Por sua vez, *O aborto*, publicado pela Livraria Quaresma, em 1893, causou tanta polêmica para a época que o escritor da Academia Brasileira de Letras, Magalhães de Azevedo, acusava Pimentel não só de procurar escândalos, mas por fazer livros com a intenção voltada apenas para o lucro, e aconselhava-o:

Permita-me que lhe dê um conselho: tome outro rumo, que por aí vai muito errado. Não arme ao escândalo, mas à glória, não faça obras de fancaria, mas obras que hajam visibilidade intelectual (...).

Sei que se irritará contra mim, nos primeiros assomos de despeito. Paciência! Irrite-se embora, mas leve em conta a minha advertência. Só desesperarei de todo se o Sr. Figueiredo Pimentel, inebriado com o efêmero triunfo pecuniário de *O aborto* encolher os ombros, e responder: “Que importa? Digam lá o que quiserem – o meu livro está na sexta ou sétima edição”.

Cuidado, porém, se persistir no mau caminho: o futuro nos inflige por vezes rudes lições. E que diria, o Sr. Figueiredo Pimentel, se um dia o povo, agradecido, lhe erigisse uma estátua... na rua Sete de Setembro. (Jornal *Gazeta de Notícias*, 3 de julho de 1893, p. 1)

Assim é que, já reconhecido como autor de livros e publicado por editoras importantes da época, como a Laemmert, a Cruz Coutinho e a própria Quaresma, em 1894 Pimentel foi chamado para organizar a coleção infantil da Livraria Quaresma, que logo se tornou um sucesso editorial, com livros como *Histórias da avozinha* ou *O Teatrinho infantil* (Leão, 2012). Além de autor de romances escandalosos e organizador de livros infantis, Pimentel ficaria famoso como redator do jornal *Gazeta de Notícias*, onde foi o articulista da coluna “Binóculo”, uma sessão de grande sucesso em que comentava o cotidiano da sociedade carioca. Foi lá que Figueiredo Pimentel cunhou a frase que o tornaria célebre, ao expressar sua satisfação com as reformas modernizadoras da capital federal: “O Rio civiliza-se”. Figueiredo Pimentel era um *expert* no uso de pseudônimos nos jornais cariocas, podendo escrever artigos mais escandalosos e outros com claro viés moralizante com desenvoltura, sempre fazendo uso de personagens diferentes que criava a fim de alcançar um público mais amplo (Pimentel, 2015, p. 87).

De autor que subvertia a moral a organizador de livros produzidos para as crianças, passando por crônicas moralizantes em jornais de grande circulação,

Pimentel, para a satisfação do editor Quaresma, parecia saber circular por temáticas que à época mobilizavam o gosto do leitor médio. No entanto, foi sob o pseudônimo de Don Juan de Botafogo que Figueiredo Pimentel publicou aquele que seria um dos livros mais reeditados, o *Manual do Namorado*.

Nesta publicação, Don Juan de Botafogo prescrevia, em suas quase 300 páginas, formas de como um homem – ou uma mulher – deveria tratar o(a) pretendente que estivesse “honestamente” interessado(a). Para tanto, trazia em suas páginas modelos de cartas e declarações a se fazer em público ou em privado e até maneiras de se vestir.

O conteúdo do que era ensinado soava, para a época, por vezes permissivo, quando, por exemplo, indicava que uma dama podia se declarar para o amante nas relações amorosas, pois “é justo que seja ela quem se declare”, já que

(...) as declarações feitas pelas damas têm a vantagem de ser mais sinceras e menos acanhadoras. Uma senhora que se declara, é porque realmente ama: o que acontece sempre com o sexo forte, pois em não pequeno número de vezes ele se declara para passar o tempo, iludindo a confiada cabecinha de uma donzela ou de uma senhora. (Botafogo, 1926, p. 52)

Aliás, a tônica do livro incorporava uma regra comum da sociedade brasileira de então, qual seja, a de colocar a mulher em seu papel de “fragilidade” nos jogos do amor. No capítulo intitulado “Das diversas espécies de amor”, entre definições tais como o “amor simpático”, “o amor sensual” e “o amor por amor próprio”, destaca-se o “amor romanesco”, que, segundo o nosso Don Juan, “nasce da exaltação da imaginação, excessiva leitura dos romances”. Por conseguinte, o amor romanesco, chama atenção o autor, é perigoso, pois “extingue-se, de pronto, e por algumas vezes passa para infiel, afim de correr em busca de novos sonhos”. Daí “se quereis ter felicidade doméstica não escolhas mulher romântica, este ridículo tornar-vos-á a vida insuportável” (Botafogo, 1926, p. 272).

Aliás, segundo indicava o Don Juan de Botafogo, os livros, quando não bem escolhidos, podiam ser perigosos, para tanto o autor indicava aqueles livros que seriam dignos de ser ofertados como presente para a amada: “Obras úteis sobre os deveres das esposas, os mistérios da casa, etc.; Clássicos; poesias; Romances de bons autores; Viagens e livros sobre arte” (Botafogo, 1926, p. 18).

O *Manual do Namorado* também trazia em suas páginas artifícios para, de maneira velada, os amantes se comunicarem através de uma linguagem cifrada das flores, da bengala, das pedras preciosas ou dos leques. Um movimento diferente correspondia a uma frase ou a uma palavra que se queria dizer para o(a) amante. Noutra sessão, Don Juan orientava que era possível para uma mulher “poder

adivinhar o estado do futuro esposo”, bastando, para isso, imaginar-se debaixo de determinadas flores, como por exemplo, se a esposa imaginar seu esposo debaixo de um alecrim, se casará com um artista, se, acaso, imaginar seu esposo debaixo de jasmim, eis que ele será um desembargador, mas se o imaginar debaixo de um resedá, o futuro esposo será um professor (Botafogo, 1926, pp. 258-259).

Nas prescrições acerca de como se deve visitar uma moça que se está interessado, nosso D. Juan não vacila: “Essas visitas devem ser espaçadas e acidentais”, mas orienta que “aos namorados prevenimos que as visitas são infinitamente mais decentes do que o passeio pela rua em que moram aquelas a quem amamos” (Botafogo, 1926, pp. 42-43).

O *Manual do Namorado* não pode ser entendido apenas como expressão da versatilidade do escritor Figueiredo Pimentel. Seus escritos anteriores já indicavam que, por detrás de escandalosas narrações sobre a sociedade carioca, havia, nos desfechos dos romances, um caráter pedagógico, moralizante, civilizador, que, de resto, o escritor também exprimia em seus artigos de jornal. É de se pensar que o Don Juan não era tão ousado quanto alguns de seus personagens dos romances escandalosos. O Don Juan de Botafogo é um orientador das novas regras sociais, um cicerone na arte de viver em sociedade. É possível enxergar em seus escritos julgamentos morais, sobretudo em relação à mulher, pois “uma mulher que não ame as flores, é um ente incompleto, não tem coração ou não tem olhos que saibam ver e gozar a beleza” (Botafogo, 1926, pp. 5-6). O Don Juan de Botafogo apostava na capacidade de dissimulação do jovem amante quando indicava que as flores poderiam ser oferecidas com intenções ocultas, bastando para isso

(...) dar um motivo de oferecimento, fingindo ter trazido a flor por simples acaso. Pode-se dizer que a adquiriu por acha-la bonita; que a colheu em seu jardim; ou que dela lhe fizeram presente. Com habilidade dir-se-á achar que ela vai melhor com a moça a quem se fala. Pede-se, então licença, e oferece-se gentilmente”. (Botafogo, 1926, p. 8)

Assim, entre uma escrita permissiva resguardada atrás de um pseudônimo, às diatribes moralizantes no trato amoroso entre um homem e uma mulher, o autor vai orientando o leitor para a melhor forma de uma sociabilidade amorosa que os novos tempos traziam. É de se pensar que o nome de Figueiredo Pimentel provocasse certo mal-estar para alguns leitores, uma vez que sua literatura era constantemente criticada por certos moralistas. Daí a fórmula de pseudônimo, numa literatura prescritiva como a do *Manual do Namorado*, poupava Figueiredo Pimentel dos constrangimentos que seus antigos escritos provocaram na sociedade carioca, desautorizando uma leitura a partir de seu nome próprio. Por outro

lado, o editor Quaresma, com o anonimato de Figueiredo Pimentel, afastaria de uma publicação com claro teor moralizante o impactante nome de um autor taxado por muitos como imoral e garantiria a qualidade da escrita de Figueiredo Pimentel para o sucesso da obra.

Assim sendo, é de se imaginar que um livro escrito por um autor de nome Don Juan de Botafogo, que ensinava “maneiras de agradar as moças”, soava bem nas peças publicitárias que o editor Quaresma fazia aparecer nos jornais. O tino editorial de Quaresma parecia infalível e o editor lançava mão dele em jogadas editoriais e publicitárias que rendiam frutos, como, por exemplo, quando chamara para publicar pela Quaresma a Madame Josephine, uma conhecida cartomante da época. O *Livro do Feiticeiro* foi lançado em fins de 1898, com o articulista do jornal *O Paiz* anunciando que parte da publicação havia sido ditada por Madame Josephine, “a aventureira que publicamente dava consultas, se não nos enganamos, no próprio sobrado onde fica a Livraria do Quaresma” (Jornal *O Paiz*, 1898, p. 2).

O êxito do *Manual do Namorado* fez com que, em 1911, uma nova edição viesse à luz, agora impressa em Paris. Na sua coluna “Binóculo”, Figueiredo Pimentel, o homem atrás de Don Juan de Botafogo, saborosamente promovia a nova edição:

Don Juan de Botafogo...eis ahi uma assinatura que cheira pseudônimo, a muitas léguas de distância. Seja, porém, como for Don Juan de Botafogo é o homem do dia. Se não existisse, seria preciso inventá-lo.

Esse herói não se celebrou, como o seu colega Tenório, por façanhas do amor. Don Juan de Botafogo fez isto simplesmente: escreveu uma obra admirável, assombrosa, extraordinária, única. Escreveu o *Manual do Namorado* que a Livraria do Povo, dos srs. Quaresma & C., acabam de publicar em 2ª edição, nítida e elegantemente impressa em Paris. (...)

Positivamente, senhores e senhoras, Don Juan de Botafogo é um herói. O *Manual do Namorado* é o livro indispensável. O Rio civiliza-se. De hoje em diante não há mais gafes. Todo mundo andarás direitinho em sociedade (...). (Jornal *Gazeta de Notícias*, 1911, p. 3)

A fórmula do Don Juan de Botafogo pareceu exitosa para o editor Quaresma, tanto que ela apareceria em outras publicações das edições Quaresma, sempre com o objetivo de melhor orientar a resolver constrangimentos amorosos. Em 1897, a livraria Quaresma publica o *Livro da Bruxa ou Manual da cartomante*, em que se ensinava a “Lançar as cartas para se conhecer o futuro, a boa ou má sorte, felicidades e desgraças; modo de ganhar dinheiro, de se fazer amado, de arranjar e desmanchar casamentos, etc., tratado de sonambulismo, hipnotismo e magnetismo”, tudo isso escrito por Don Juan de Botafogo. Destoando de uma



escrita mais leve, como expressa no *Manual do Namorado*, no prefácio ao leitor é reforçado: “Podemos garantir que é um trabalho sério e completo”, e mais:

Quem escreveu este livro não o fez atôamente. É um adepto convencidíssimo das ciências ocultas, tem-nas praticado inúmeras vezes; e, em vista do imenso sucesso obtido, continuará a praticá-las.

Uma coisa recomenda: esta obra não trata de assunto literário, nem é puramente recreativa. É um trabalho sério, e como tal requer seriedade. (...)

Assim, um conselho: Ninguém brinque com as coisas que não conhece.

Mais vale crer, ter fé. (Botafogo, s/d, pp. 5-6)

É de se notar que a preocupação em resolver problemas amorosos aparecia não somente em livros, tais como o *Manual do Namorado*, com claro objetivo distrativo, mas em publicações que se pretendiam mais sérias, como *O Livro da Bruxa* e *O Physionomista*, lançado em 1911 e anunciado como um livro para se aprender a “arte de conhecer o caráter, o gênio, as inclinações, as qualidades e os sentimentos morais das mulheres, pela fisionomia, segundo Lavatter e Gall” (Alibert, 1911). Lavater e Gall eram nada menos do que o pastor Johann Lavater e o frenologista Franz Joseph Gall, dois personagens de triste memória na história da ciência e que logo foram desacreditados em suas técnicas de medição para determinar o caráter dos indivíduos. Na sessão final desse livro, Don Juan de Botafogo fazia sua aparição no capítulo intitulado “O que é o amor”, no qual, segundo o editor, ensinava “todas as espécies de amores, por que é que há pessoas felizes, como os D. Juan, e outras que nada arranjam na vida” (Alibert, 1911). O editor ainda indicava que o livro servia para

O leitor, que quiser conhecer a sua noiva, a mulher com que vai conviver, que vai ser companheira de toda existência, tendo este livro ficará sabendo se ela é falsa ou verdadeira; se o enganará ou não; quais os vícios, as virtudes, os defeitos e as boas qualidades que ela tem. (Alibert, 1911)

A fórmula do Don Juan de Botafogo seria replicada outras vezes. Novas edições foram feitas do *Manual do Namorado*, mas, Figueiredo Pimentel, o homem por trás do Don Juan, faleceu em fevereiro de 1914. Nem por isso o editor Quaresma enterrou seu personagem em reedições de sua obra. A autoria se prendia a uma orientação de leitura que se buscava. A fórmula Don Juan de Botafogo orientava a leitura de textos que se pretendiam prescritivos na arte de amar. Ficava, nas competentes mãos de um editor ousado, um autor que, ao ensinar a amar, seduziu os amantes leitores brasileiros de inícios do século XX para a arte da leitura, o misterioso Don Juan de Botafogo.

## ■ Bibliografia

- ALIBERT, J. L. *Physiologia das paixões e sentimentos Moraes do homem e da mulher*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1911.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Fortaleza: ABC Editora, 1999.
- BOTAFOGO, Don Juan de. *Manual do Namorado*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1926.
- \_\_\_\_\_. *O Livro das Bruxas ou Manual da Cartomante*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, s/d.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Xenon, s/d.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Jornal *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1898.
- Jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de julho de 1897.
- Jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1897.
- Jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1898.
- Jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1911.
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1923.
- LEÃO, Andréa B. *Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1895-1915)*. Fortaleza: INESP, UFC, 2012.
- PIMENTEL, Figueiredo. *O aborto*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- Revista *Manchete*, nº 93, Rio de Janeiro, janeiro de 1954.